

Sérgio Paulo Rouanet

Dupla utopia psicanalítica

Figura de destaque no meio cultural e no cenário político brasileiro, Sérgio Paulo Rouanet, diplomata, ensaísta, conferencista e professor, é o primeiro pensador não-psicanalista a ser entrevistado por *Percurso*.

Este carioca, nascido em 1934, surpreende pela sua trajetória e pela ampla obra publicada. Graduado em ciências jurídicas e sociais, encaminhou-se para uma longa carreira diplomática de mais de 40 anos em postos nos Estados Unidos e Europa, tendo sido secretário do Ministério da Cultura no decorrer de 1991-1992. Ao longo desses anos, concluiu mestrado em economia, ciências políticas e filosofia, e o doutorado em ciências políticas pela Universidade de São Paulo, sendo atualmente professor associado na Universidade de Brasília e membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Filosofia do Instituto Histórico e Geográfico e do Pen Club. No início deste ano, foi agraciado com a Medalha Goethe, oferecida a personalidades es-

trangeiras que se destacam na difusão da língua e da cultura alemã no mundo.

A obra deste intelectual brilhante faz vislumbrar o seu interesse por temas das ciências humanas e pela obra freudiana, com especial relevo tanto para as relações da psicanálise com as ciências sociais como para a história da psicanálise. São numerosas as entrevistas e os artigos seus em revistas especializadas nacionais e internacionais, assim como sua participação na imprensa, colaborando regularmente com os jornais *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*. Podemos destacar como as suas principais obras: *Imaginário e Dominação* (1978), *Teoria Crítica e Psicanálise* (1983), *Édipo e o Anjo – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin* (1983), *A Razão Cativa – As Ilusões da Consciência de Platão a Freud* (1985),

Realização: Andréa Carvalho Mendes de Almeida, Bela Sister, Cristiane Sammarone, Mara Selaibe, Maria Cristina Ocariz, Silvio Hotimsky e Susan Markuschower.

As Razões do Iluminismo (1987), O Espectador Noturno – A Revolução Francesa através de Rétif de la Bretonne (1988), O Mal-Estar na Modernidade (1993), A Razão Nômade: Walter Benjamin e outros Viajantes (1994), além dos recentes Idéias – Da Cultura Global à Universal (2003), Interrogações (2003) e Os Dez Amigos de Freud (2003). Participou como conferencista da série de cursos da Funarte organizada pelo filósofo Aduino Novaes entre 1986-1995 e também foi o tradutor de obras de Walter Benjamin como A Origem do Drama Barroco Alemão (1984) e textos vários reunidos em Obras Escolhidas (1985).

Foi instigados por suas idéias que com ele nos reunimos para uma estimulante conversa numa rara bela manhã do inverno paulistano, aproveitando sua vinda para o I Curso Livre de Humanidades, promovido pela Editora Abril.

Rouanet deixou-se conduzir pelos meandros da metapsicologia freudiana, da análise sociopolítica, das questões espinhosas da tradução da obra de Freud ou da análise de sua produção teórica.

Entretanto, a partir de sua posição outsider, ele não deixou de conclamar os analistas a se posicionarem frente ao mal-estar moderno, bem como a produzirem teoricamente, fazendo avançar o Freud de O Mal-Estar na Civilização. Rouanet aponta não conseguir encontrar contribuições de psicanalistas que tentem entender os grandes problemas de nosso tempo, as graves patologias de nossa sociedade, com as categorias psicanalíticas. Teriam as análises feitas por Freud sobre os fenômenos de civilização cessado de se produzir na atualidade? É o que ele se perguntará.

Mas também nos interpelará de maneira provocadora: por que a psicanálise continua despertando tanta resistência, e o que há nela de tão resistível?

Enfim, proporá uma utopia psicanalítica (irrealizável e irrenunci-

ável) que não seja banalizada nem corra o risco de se transformar numa concepção de mundo.

Nesse sentido, Rouanet é, declaradamente, um iluminista que vê na psicanálise competência e responsabilidade para intervir no frágil processo civilizatório.

Convidamos então o leitor a se deixar desafiar um pouquinho mais!

Sérgio Paulo Rouanet: Estou muito curioso em saber o que vocês

“

Talvez essa
nossa
conversa
tenha alguma
importância
no sentido
de apresentar
uma
perspectiva
de fora.

”

têm a ganhar conversando comigo, pois sou um amador em psicanálise. Tenho algum conhecimento teórico geral, mas sou basicamente um ensaísta. Ontem, por exemplo, no encerramento de um ciclo de filosofia, eu falei de filosofia desde Kant até o presente, e o nome de Freud foi mencionado uma única vez, no contexto da Escola de Frankfurt, ao falar de como a chamada teoria crítica da sociedade se deixou impregnar pelo pensamento de Freud. Mas

talvez essa nossa conversa tenha alguma importância no sentido de apresentar uma perspectiva de fora, pois os profissionais estão mais habituados a conversar sobre temas de seu *environment* imediato e é sempre bom ter uma perspectiva de fora. Nesse sentido, talvez eu lhes seja útil, aliás é a única utilidade que enxergo do ponto de vista de vocês.

Percursos: Pertencemos ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e nos preocupamos com a relação psicanálise – sociedade de maneira bem ampla, e, como o senhor também tem se preocupado com esse tipo de questão, pensamos que seria pertinente e interessante para todos nós essa entrevista.

SPR: Uma semana atrás, fui convidado a proferir a palestra de abertura de um congresso sobre a psicanálise latino-americana realizado no Rio de Janeiro, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Como não entendo nada de psicanálise latino-americana e nem sei se é possível falarmos de uma identidade psicanalítica latino-americana, falei um pouco sobre o contrário, sobre a universalidade da psicanálise, para que, sobre esse pano de fundo, pudessem ser encontradas marcas identificatórias. Eu também falei nos Estados Gerais da Psicanálise junto com Tariq Ali e Tony Negri. Tariq Ali foi acusado pelos psicanalistas (principalmente pelos de origem judaica) de defender posições anti-semitas. Isso provocou uma grande confusão e gerou muito protesto. Ele estava defendendo a causa palestina e a fronteira entre uma posição anti-sionista e uma anti-semita, que é muito tênue. Frequentemente as pessoas começam criticando Sharon e acabam defendendo posições que parecem anti-semitas. Não é possível que não se tenha o direito de criticar a política agressiva de Sharon sem ser confundido com um anti-semita! Por outro lado, essa suspeita não é pura paranóia, por-

que essa confusão existe mesmo. Muita gente acha que está criticando Israel quando na realidade está defendendo posições absolutamente anti-semitas! Portanto, onde está o limite entre a paranóia e o princípio de realidade? Observei que havia, nos dois lados, certa dificuldade de entender diferenciações necessárias, e escrevi um artigo sobre isso no Caderno Mais!, da *Folha de São Paulo*.¹

P: Bem, temos um pequeno roteiro para essa conversa e gostaríamos de iniciá-lo perguntando como o senhor se aproximou da psicanálise, no amplo leque de sua formação acadêmica na área das ciências humanas.

SPR: Eu me aproximei da psicanálise pelo simples fato de ter feito análise em Genebra há mais de 30 anos. A princípio, eu achava que estava procurando a psicanálise por mera curiosidade intelectual e não admitia em hipótese alguma que precisava dela. Foi uma análise sofrida, pois levou algum tempo até eu entrar no “espírito da coisa” e parar de psicanalisar meu psicanalista. Vocês conhecem esse tipo de resistência, a intelectualização, um dos mecanismos clássicos de defesa!

Nessa época, comecei a ler muito Freud, evidentemente para mostrar a meu analista que eu entendia mais de psicanálise do que ele... Lembro que eu produzia sonhos lindos que ele não valorizava devidamente, e eu ficava indignado: puxa vida! é de uma beleza estética tão extraordinária! esse homem não tem sensibilidade. Uma vez, numa das sessões, fiz interpretações que eu achava brilhantíssimas e no final, ele, freudianamente silencioso e no seu francês bastante curioso (ele era grego), disse o seguinte: “*Je vous remercie monsieur de votre conférence; je vous signale toutefois, que vous avez oublié la bibliographie. Merci monsieur. À demain!*”² Dei a maior gargalhada, e a partir desse momento minha análise começou.

P: E quais foram os interesses que nortearam seu itinerário na psicanálise?

SPR: Basicamente, a história da psicanálise e a interação entre psicanálise e ciências sociais (principalmente o marxismo). Era uma época em que todo mundo estava às voltas com o marxismo, e eu estudei o histórico freudo-marxismo de Wilhelm Reich, dos anos 20, 30, assim como o marxismo representado pela teoria crítica da sociedade,

“

Existe certa
relutância
por parte dos
psicanalistas,
hoje em dia,
em sair das quatro
paredes de seus
consultórios e
tentar enfrentar
problemas
externos.

”

de, a escola de Frankfurt: Adorno, Horkheimer, Marcuse e mais tarde Habermas.

Em meu livro *Teoria Crítica e Psicanálise*³, procurei apresentar como aconteceu essa interpenetração entre marxismo e psicanálise. No plano da consciência, a interpenetração dos dois paradigmas é indispensável. Além disso, tentei dar uma contribuição nessa área com um livro chamado *A Razão Cativa*⁴, mostrando como era possível pen-

sar a categoria marxista de falsa consciência através dos mecanismos de defesa, ou seja, como eles podiam intervir sobre a razão, sobre a consciência, e deformá-la de acordo com configurações sociais externas.

Apesar da incompreensão mútua (que é maior por parte do marxismo em relação à psicanálise), tenho a impressão de que os psicanalistas são mais abertos do que os marxistas. Considero impossível entender a luta de classes, as situações externas de opressão, de ideologia, de falsa consciência, sem entender os mecanismos psíquicos que condicionam todas essas distorções.

Por outro lado, existe certa relutância por parte dos psicanalistas, hoje em dia, em sair das quatro paredes de seus consultórios e tentar enfrentar problemas externos. Claro que existem mil exceções, pois a maior parte dos meus amigos não merece essa crítica, que é muito genérica. Mas, de maneira geral, pode-se dizer que a preocupação de Freud com a sociedade externa, que o levou a refletir sobre problemas da história mundial, não está sendo muito considerada. Vejam o *Mal-Estar na Civilização*, *O Futuro de Uma Ilusão* e mesmo *Moisés e o Monoteísmo* (que é o tratado filosófico de Freud e onde ele tenta entender, por exemplo, o anti-semitismo por meio da figura colossal de Moisés): Freud tinha consciência, o tempo todo, de que não podia fazer uma psicanálise da alma sem, num certo sentido, fazer uma psicanálise da história e da sociedade. Tenho a impressão de que a grande lição desse nosso Moisés, desse nosso *Urvater*⁵ que foi Freud, não está sendo seguida. Os filhos não estão seguindo essa grande orientação genérica de Freud, de pensar as estruturas sociais de opressão em conjunção com as distorções psíquicas.

P: A crítica recorrente que o senhor formula em relação à psicanálise atual refere-se à sua restrição ao campo da clínica individual e sua

falta de intervenção nas macro-estruturas. Considerando o grande número de colegas que há muito tempo vêm trabalhando na esfera pública – na área de saúde, educação, bem-estar social, urbanismo, terceiro setor etc. – e os inúmeros psicanalistas ocupados teórica e clinicamente com questões centrais de nosso tempo, a que “psicanálise” o senhor está se referindo quando disse, em seu texto apresentado por ocasião dos Estados Gerais da Psicanálise⁶, que “...a psicanálise esquevia-se de trabalhar no quadro das macroestruturas de caráter econômico, político ou ideológico”?

SPR: Talvez me faltem informações desse tipo, talvez o déficit seja da minha parte e me leve a uma avaliação injusta em relação ao que está sendo feito na psicanálise nessa área social. Então, se isso é verdade, é uma boa ocasião para que eu faça uma autocrítica.

A única coisa que eu posso acrescentar é que eu estou informado – mal informado, mas ainda assim informado – de todos os esforços que vêm sendo feitos, por parte da psicanálise, de agir socialmente. Evidentemente, existe uma consciência social muito forte dos psicanalistas. Eu conheço vários que estão, até mesmo, trabalhando em clínicas, tentando levar o benefício da psicanálise à população carente. Mas o que eu não vejo muito é uma contribuição de vocês no sentido de tentar entender, a partir de categorias psicanalíticas, grandes problemas do nosso tempo. Quantos livros foram escritos por psicanalistas para explicar a razão pela qual a população americana se deixou hipnotizar pelas explicações, obviamente falsas, dadas por Bush, sobre a invasão do Iraque? Eu não conheço nenhum.

Então minha pergunta é: em que medida os esforços do próprio Freud, de tentar entender as macroestruturas e os fatores que condicionam a sociedade, a história contemporânea, etc., continuam sendo

levados em frente? Em que medida várias patologias graves da nossa sociedade como, por exemplo, o imperialismo, o atual belicismo americano, o renascimento dos fundamentalismos, a regularização das identidades étnicas, nacionais (com o que isso comporta de perigoso) estão sendo objeto de uma análise teórica a partir de categorias psicanalíticas? Em que medida categorias como a pulsão de morte estão sendo utilizadas para explicar, por

“

Em que medida
os esforços
do próprio Freud
para tentar
entender
as macroestruturas
continuam
sendo levados
em frente?

”

exemplo, os ataques suicidas dos palestinos? No caso do conformismo da população americana, conformismo este muito grave, como é possível que o mundo inteiro soubesse que era falsa a alegação de que Saddam Hussein possuía armas de destruição e que só a população americana não soubesse? Não estariam funcionando aí mecanismos de psicologia de massas absolutamente idênticos aos que Freud estudou nos anos 20 e que impediriam a

população americana de entender o que era óbvio para o resto do mundo? Por que só para os americanos não era óbvio? Foram necessários quase dois anos para começar a se dar conta que era mentira, que não havia nenhuma ligação com Osama Bin Laden, que não havia armas de destruição de massas! Adorno escreveu muito sobre o papel misticador da indústria cultural, que induz a uma aceitação indiscriminada de alegações ideológicas, obviamente falsas, feitas pela mídia e pelos governos. Por que as intuições desse tipo não são seguidas? Por que as grandes análises feitas por Freud sobre fenômenos de civilização com o cruzamento de estruturas sociais e anímicas pararam com ele? Ou não pararam? É uma pergunta que eu faço. Então, quando vocês falam dessas tentativas dos psicanalistas, de saírem de seus consultórios e intervir nos problemas sociais (o que é totalmente louvável e verdadeiro), eu me pergunto: por que não intervêm também no plano teórico? É como se Freud já tivesse dito tudo o que precisava ser dito com relação ao mal-estar na civilização. E o mal estar moderno? Sessenta anos depois de Freud ter escrito *O Mal-Estar na Civilização* o que mudou? O que não mudou? O que estava errado em Freud? A minha impressão é que no plano teórico houve pouco progresso.

Só para mostrar que esse tipo de avaliação não é totalmente arbitrária, não sei se vocês conhecem uma polêmica que eu tive com Otto Kernberg,⁷ em que defendi algumas idéias nessa linha. A resposta dele quase confirmou tudo o que eu dizia. Ele achava minhas posições muito ideológicas. Eu tinha dito, por exemplo, que a defesa da paz era uma preocupação fundamental. Aí Kernberg retrucou “... me parece que existe ideologia por detrás disso... como assim, defesa da paz?” Então eu tive a impressão de que havia nitidamente uma posição semelhante àquelas que eu criticava.

Talvez seja possível encontrar essa conversa na internet, acho que foi registrada.

P: O senhor tem certa razão. Talvez exista mesmo uma defasagem entre a prática, pois existe um grande engajamento social dos psicanalistas, e a produção teórica. Não se encontram tantos autores dedicados a publicar sobre esses temas. São questões desenvolvidas em conferências, grupos de trabalho ou em produções acadêmicas. Ainda assim, o senhor certamente acompanhou todo o pensamento de Althusser, articulando o marxismo, Freud e Lacan, nos anos 70 e o movimento psicanalítico francês, que produziu contribuições teóricas importantes. Aqui no Brasil temos, por exemplo, Joel Birman, Contardo Calligaris, Jurandir Freire Costa, Maria Rita Kehl, Chaim Katz, só para citar alguns, que se utilizam de operadores freudianos e pós-freudianos e que produziram avanços teóricos a partir de suas clínicas individuais, mas transcendendo-as, dedicando-se a pensar questões de nossos tempos.

SPR: Engraçado, eu preferiria que isso fosse chamado de conversa e não de entrevista. Vocês têm muita coisa a me dizer que eu desconheço e que podem me ajudar a superar avaliações injustas que eu possa ter feito. Mas, minha preocupação nunca foi simplesmente criticar e sim chamar a atenção para a necessidade e importância de uma reflexão teórica sobre os problemas políticos (micro e macro), uma reflexão que se utilize dos operadores psicanalíticos. Sinto falta disso hoje em dia.

P: O senhor sempre se centrou no estudo de Freud? Já se interessou por outros autores psicanalíticos?

SPR: Eu li Lacan, evidentemente, mas de maneira muito superficial. Eu não poderia manter um diálogo com psicanalistas lacanianos. Tenho muita simpatia por Winnicott e conheço mal as outras correntes psicanalíticas. Ainda pretendo tentar suprir essas lacunas.

P: Voltando à sua conferência anteriormente citada, o senhor considera que os Estados Gerais da Psicanálise estariam em sintonia com seu modelo histórico – relativo à França de 1789 – se pensassem “uma revolução que fosse também uma restauração: um retorno a Freud, num sentido diferente do lacaniano. Seria o retorno a um Freud que não se preocupava apenas com casos clínicos, mas também com o futuro da civilização...” O senhor

“

Minha preocupação sempre foi chamar a atenção para a necessidade e importância de uma reflexão teórica sobre os problemas políticos.

”

poderia nos falar como seria esse novo retorno a Freud?

SPR: Quem falou em retorno a Freud foi Lacan. Eu não estava querendo entrar em Lacan, que, como já disse, conheço muito pouco. Fiz uma alusão de passagem, só para deixar claro que não era disso que eu estava tratando, e sim de um retorno a Freud, no sentido do grande pensador da cultura. Aí é que entra a minha pergunta: em que medida não podemos voltar a esse Freud,

que ao mesmo tempo que pensava em neuroses individuais, pensava também a neurose da civilização? Essa é a lacuna que sinto. A meu ver, apenas a psicanálise, mais do que o marxismo ou do que a sociologia, ou ainda, do que a antropologia (que etimologicamente é a ciência do homem), enfim, mais do que qualquer outra ciência, possui os instrumentos teóricos para pensar as formas contemporâneas assumidas pelo mal-estar na civilização.

P: Não seria uma responsabilidade social muito grande para a psicanálise?

SPR: É claro que para compreender, por exemplo, a guerra no Iraque, que é o fato histórico que mais tem chamado a atenção ultimamente por estar na primeira página dos jornais, é preciso ter muita informação empírica, conhecer dados, saber da necessidade estratégica dos Estados Unidos de se apoderarem de poços de petróleo do Iraque (que é o segundo produtor mais importante depois da Arábia Saudita), saber em que medida considerações geopolíticas influenciaram essa guerra, enfim, conhecer isso tudo. Então, talvez eu tenha sido enfático demais com meu entusiasmo pela psicanálise mas, sem dúvida nenhuma, certos mecanismos – os mais elementares, os mais infantis, mecanismos edipianos – estão em jogo. Afinal, o nosso amigo Bush júnior não fez outra coisa senão tentar ir mais longe do que o Bush senior e depor Saddam Hussein! E a idéia de ir mais longe do que o pai está no próprio Freud em *Uma Perturbação de Memória na Acrópole*⁸, onde ele atribui sua amnésia ao fato de sentir que tinha ido mais longe do que seu pai, e isso lhe dava uma culpa enorme. Tudo isso é muito elementar, mas precisa ser examinado, e a psicanálise deve contribuir na compreensão desse fato.

Entretanto, sem dúvida nenhuma, a principal responsabilidade do psicanalista é com seus próprios

pacientes. Seria um absurdo se, de repente, ele deixasse um paciente estatelado no divã e começasse a fazer discurso político! O que eu sinto falta, como intelectual interessado numa interpretação psicanalítica dos fenômenos sociais, é de uma maior produção teórica por parte dos psicanalistas por meio de entrevistas, conferências, artigos nos jornais e coisas desse tipo. Tenho a impressão que seria muito enriquecedor para todos nós que os psicanalistas, como cidadãos, articularassem questões de interesse geral a partir de uma perspectiva psicanalítica.

P: O próprio Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, disse que a psicanálise não é uma psicologia individual, mas sim uma psicologia social, porque não existe nenhuma constituição do sujeito sem um semelhante, sem o outro, sem a sociedade. O sujeito no divã não é portador de um inconsciente atemporal; os acontecimentos políticos, econômicos e sociais fazem parte da matéria que funda e compõe a subjetividade. Portanto, a própria atividade da clínica psicanalítica pode servir como base de pesquisa para o tipo de patologia que cada momento histórico produz, e a forma como o produz...

SPR: É por isso que eu digo que para Freud nunca houve diferença entre psicanálise clínica e aplicada. Ele não procurava descobrir primeiro os estigmas das histéricas no processo psicanalítico para depois entender o problema social. Desde o primeiro momento ele estudou as duas coisas conjuntamente. Em um de seus textos mais fundamentais, *A Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, de 1908, por exemplo, o próprio uso do adjetivo “moderno” é importante. Havia realmente uma interação simbiótica, absolutamente íntima, entre a neurose individual e as ideologias morais da época, que condenavam, principalmente as mulheres, à neurose. Elas eram as principais vítimas do moralismo da época.

Portanto, é a psicanálise vista, não como uma ciência social, mas como uma *ciência do social*, que mostrava as duas coisas interrelacionadas como um todo.

P: O Sr. confere um lugar de destaque à psicanálise para a compreensão e possibilidade de transformação do mundo. Ela ocupa praticamente o lugar de uma utopia, de uma revolução. Não existiria nesta postura o risco de a psicanálise ser vista como uma ideologia,

“

Freud não queria reduzir a psicanálise, que para ele era uma ciência, ao estatuto de mera concepção do mundo.

”

como uma alternativa para a solução de problemas que atingem a humanidade?

SPR: Existe um risco se nós quiséssemos transformar a psicanálise numa concepção de mundo. Vocês sabem perfeitamente que Freud se recusava veementemente a aceitar que a psicanálise fosse uma filosofia. Ele não queria reduzir a psicanálise, que para ele era uma ciência, ao estatuto de mera concepção do mundo. Mas é possível, sim, pensar

numa dimensão utópica sem com isso cair numa banalização ideológica. Existe uma utopia psicanalítica no bom sentido. Existem boas utopias e más utopias. Ernst Bloch, um filósofo da grande tradição marxista, escreveu um livro chamado *Das Prinzip Hoffnung – Princípio Esperança* – onde disse que a esperança é uma esperança utópica. Então é preciso que o homem coloque como utopia algo que permita uma autotranscendência, uma transcendência em direção a algo que não é alcançável. Mas, por ser uma utopia, é irrenunciável, na medida em que sem ela não teríamos um princípio regulador. É um farol importante na medida em que ilumina, mas é apenas um farol, não podemos alcançá-lo. Mesmo a ciência mais dura e pura, como a ciência experimental, a física, etc., é guiada por uma certa utopia, irrealizável e irrenunciável.

No caso de Freud, podemos até pensar na existência de uma dupla utopia psicanalítica, embora talvez ele tivesse uma síncope se ouvisse isso. No plano individual da psicanálise, temos a utopia do psiquismo totalmente transparente para si mesmo. Vocês se lembram das *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917), onde ele dizia que o objetivo tendencial da psicanálise seria preencher todas as lacunas da memória, tornar consciente tudo aquilo que era inconsciente, apesar de saber que esse ideal terapêutico era, ao mesmo tempo, um ideal irrealizável. Ele também disse isso no *Mal-Estar na Civilização* (1929): o programa do princípio do prazer é irrenunciável e irrealizável, e, no entanto, devemos continuar nos comportando como se ele fosse realizável. E no plano social, filogenético como ele diria, existe a utopia de uma sociedade totalmente transparente para si mesma. É utópico porque nunca a sociedade será totalmente transparente para si mesma, e, no entanto, a psicanálise, no plano coletivo, no plano social, não

pode deixar de se colocar esse ideal. Ele também disse isso no *Mal-Estar na Civilização*, que um dia será possível ao homem renunciar aos mecanismos de defesa, como o recalque, por exemplo (um mecanismo infantil de fuga), e a sociedade passe a ser regida por Logos! Quando a razão assumir o comando, o controle social e a regulamentação pulsional se farão através da organização racional da sociedade. Isso é realizável? Obviamente que não. Então temos duas utopias: no plano individual, a utopia de um psiquismo transparente para si mesmo, e, no plano social, a utopia de uma sociedade regida pela razão. Duas coisas inatingíveis e irrenunciáveis.

P: Mas no próprio *Mal-Estar na Civilização*, Freud coloca a pulsão de morte e o mal radical como algo próprio do ser humano. Ficamos nos perguntando que relação o senhor veria entre esse Freud, analista do mal radical, e o Freud humanista, e mesmo utópico da correspondência, com Einstein. Ele mesmo se perguntava, por exemplo, o que fariam os soviéticos quando tivessem exterminado o último burguês....

SPR: Isso é que dá a especificidade da utopia de Freud com relação às utopias tradicionais. Ele acreditava e não acreditava. É a razão negativa, dialética. Eu tentei mostrar num dos meus textos que Freud era um adepto do Iluminismo, acreditava na razão e em todos os valores do Iluminismo, elogiava o binóculo, o telescópio – seu cientificismo soa até engraçado hoje em dia! – mas, em todo caso, ele acreditava na importância do progresso material e, ao mesmo tempo, ele sabia que as regressões eram sempre possíveis. Ele acreditava nos valores racionais da Ilustração e sabia que a razão era um mero verniz na superfície do córtex, que a qualquer momento ela podia ser sugada pela força gravitacional dos processos primários. Ele acreditava na individualidade, que o homem poderia

superar a psicologia da horda, mas via, no caso do fascismo, uma saudade da tutela do pai primordial.

O universalismo é outro dos ideais do Iluminismo, e Freud acreditava que Eros iria formando unidades cada vez mais vastas, até chegar ao fim da sua tarefa com a unificação política da humanidade. No entanto, ele sabia que a todo momento as tendências particularistas estariam puxando de volta, como vemos hoje nesse conflito

“

O que dá a especificidade da utopia de Freud com relação às utopias tradicionais é que ele acreditava e não acreditava.

”

entre globalização e particularismo. Quanto mais a humanidade parece se aproximar do ideal da unificação, mais raivosamente renascem os particularismos tribais! Então a especificidade de Freud está justamente nisso. Ele faz uma aposta no Iluminismo sabendo que pode perder. Ele espera não perder a aposta, mas desconfia, como realista que é. É uma utopia realista.

P: O conflito entre tradição e modernidade tem sido central em

vários debates políticos atuais. Na política internacional, vemos boa parte das análises sobre os atentados terroristas dos últimos anos atribuir a grupos fundamentalistas a responsabilidade por esta violência, que tomou sérias proporções. Estes grupos seriam dominados por suas tradições e visões particularistas que se opõem à modernidade.

O senhor diz que “Freud declara guerra à tradição como o mais radical dos iluministas”. De seu ponto de vista, qual seria o lugar das tradições no mundo contemporâneo?

SPR: O que vocês estão perguntando é se a tradição ainda tem um lugar. Essa é uma pergunta importantíssima! Temos que pensar em termos de gênero humano e de comunidade. As duas perspectivas são importantes e necessárias. Enquanto seres humanos, não podemos deixar de pensar em termos de humanidade, como pessoas que nasceram numa certa época e num certo meio social. Não podemos deixar de pensar em termos de comunidade. Temos que ter e não ter raízes, o que é novamente a dialética negativa. Eu me pergunto se no momento atual não é mais importante ter asas do que raízes. É melhor ser peixe ou couve-flor? A gaivota é um pássaro migratório, o salmão nasce na Escócia e vai desovar não sei onde... isso é globalização, é um dos lados da humanidade. Você tem que se pensar enquanto ser humano e, ao mesmo tempo, enquanto brasileiro. Hoje em dia é preciso valorizar a importância extraordinária do não-enraizamento. Eu tenho a impressão de que Freud era as duas coisas: era um judeu que descobriu meio tardiamente, mas acabou descobrindo, sobretudo na fase do *Moisés e o Monoteísmo* (1934-1938), que era judeu, sim, e, ao mesmo tempo, europeu. Ele era um homem com uma vocação universal, queria fazer ciência e não filosofia talmúdica, mas, ao mesmo tempo ele se

sentia ligado à tradição judaica. Será que a psicanálise não deveria ser herdeira justamente desse pensamento dualista, ser uma coisa e outra?

P: Em textos, conferências e em outras entrevistas, o senhor não tem se furtado em convocar a psicanálise à tarefa de agente da modernidade e do Iluminismo, na qual a razão ou a racionalidade desponta como o meio de construir uma sociedade mais democrática através de um processo de discussão que, dialógico e argumentativo, permite às pessoas chegarem a conclusões consensuais ou acederem a verdades advindas como efeito desse processo.

Entretanto, quando Freud introduziu o conceito de inconsciente, sabemos que isto limitou e subverteu o poder soberano da razão e da consciência responsável, bem como da vontade livre. Como poderia então a consciência se responsabilizar por aquilo que desconhece e que não se tornará consciente? Quais relações o senhor estabelece entre razão e inconsciente?

SPR: Foi por isso que falei na utopia freudiana. Ele quer e não quer, ele quer e sabe que não pode, mas ele não pode deixar de visar, como um ideal terapêutico, o preenchimento de todas as lacunas da memória. Freud era um homem que já prenunciara esse otimismo desesperado. Se fôssemos definir o estado de espírito de Freud, eu diria que ele é um otimista desesperado. É um otimista no sentido em que inventou uma terapia que pode minorar alguns dos males humanos, pode diminuir alguns sofrimentos. Mas, ao mesmo tempo, ele sabe que o mal-estar não pode ser eliminado totalmente. Vocês devem se lembrar da última frase do prefácio de *Estudos Sobre Histeria* (1895), onde ele diz que o máximo que a psicanálise pode fazer é transformar a miséria histórica em infelicidade banal. A infelicidade do cotidiano sempre existe, é parte do destino humano,

mas por que vamos sobrecarregar essa infelicidade com uma infelicidade histórica? É isso que chamo de otimismo desesperado. Ele era suficientemente pessimista, talvez realista, para saber que o mal-estar, como tal, não pode ser eliminado. Se houver uma revolução social, ela pode resolver alguns problemas mas, o que vai acontecer no momento em que a União Soviética tiver fuzilado seu último burguês, como vocês mesmos disseram? En-

“

Existe um
sobre-recalque,
um recalque
mais grave
e aflitivo
do que teria sido
necessário se
a sociedade fosse
organizada
em bases mais
justas.

”

tão, há sempre uma carga de pessimismo que eu nem sei bem se é pessimismo... não seria um otimismo excessivo? Por que ele nunca se filiou ao marxismo, como Reich? Porque ele achava isso uma ingenuidade! Como é possível que pessoas adultas acreditem que a infelicidade humana vai ser eliminada com a mudança das relações de propriedade? E no entanto, ele mesmo disse, não me lembro se foi em *O Futuro de uma Ilusão* (sempre

cito esses dois livros – *O Mal-Estar na Civilização* e *O Futuro de Uma Ilusão* porque, no tema atual, é o que mais nos interessa), que uma mudança na relação de propriedade faria mais para minorar a infelicidade humana do que todos os mandamentos éticos. Freud era um superconservador, como nós sabemos e, no entanto, era um conservador realista. Ele sabia que era preciso mudar as relações de propriedade. Ele criou o importantíssimo conceito de *sobre-recalque*, que depois foi utilizado por Marcuse, aparentemente inventado por Marcuse mas, na verdade, formulado com todas as letras pelo próprio Freud. Ele dizia que para manter a civilização é necessário estabelecer leis que regulem os sacrifícios pulsionais e, no entanto, algumas classes têm que sofrer mais do outras para manter a civilização, as classes laboriosas, carentes, exploradas, que são obrigadas a carregar uma cruz mais pesada do que todas as outras. Aí existe um sobre-recalque, um recalque mais grave e aflitivo do que teria sido necessário se a sociedade fosse organizada em bases mais justas. Existe um lado quase revolucionário nesse conservador que foi Freud e, no entanto, ele diria: “muito bem, então vamos eliminar o sobre-recalque e vamos distribuir de uma maneira mais equitativa os sacrifícios pulsionais da sociedade inteira.” E aí? Nós chegaríamos à felicidade perfeita? Não! E por quê? Porque o máximo que nós podemos fazer, mesmo com todas as modificações externas, é substituir a infelicidade histórica pela infelicidade banal!

P: Em vários momentos de sua obra, o senhor refere-se ao recalque como um mecanismo de defesa transitório, considera-o uma forma de regulamentação da vida pulsional construída sob o modelo da fuga – um mecanismo infantil. Como o senhor relaciona esta sua concepção do recalque com outras concepções psicanalíticas que o

consideram um mecanismo fundante do aparato psíquico, da constituição do sujeito, que pensam nas falhas do recalque primário, na etiologia de patologias severas, que vêem no recalque um dos destinos mais evoluídos da pulsão?

SPR: Eu estou me baseando em Freud, que diz que a *Verdrängung* é um mecanismo infantil de defesa. Ele não tem realmente esse respeito todo pelo recalque, como outras correntes psicanalíticas têm. Existe essa idéia no próprio Freud; a idéia da *Urverdrängung*, da *Verdrängung* primária, do recalque primário, sem dúvida nenhuma. Eu acho que não é incompatível com o que ele diz mais tarde sobre o recalque como mecanismo infantil de defesa, que seria o recalque secundário. Não tenho tanto conhecimento assim, mas penso que o que torna Freud uma figura fascinante é que nunca se pode fazer comentários definitivos sobre ele: não no sentido de que seja sempre possível citar um texto anterior de Freud que seja diferente de um texto posterior, já que qualquer pensador está sujeito a isso. É sempre possível fazer Marx refutar Marx, Hegel refutar Hegel, e para isso basta citar trechos escritos em momentos diferentes da biografia de cada pensador, e nisso Freud não é diferente dos outros. No que ele é diferente é que ele é isto e aquilo. É quase como se o pensamento dele fosse uma espécie de espelho da própria teoria que criou, a teoria do inconsciente, uma pulsão que é uma coisa e outra, que é psiquismo mas também é corpo, que está na fronteira de uma coisa e outra. O ego é consciente e inconsciente ao mesmo tempo. Essa é uma das coisas mais enigmáticas do pensamento de Freud; o ego funciona como sede da razão à medida que é consciente, ao mesmo tempo é sede da resistência, do mecanismo de defesa! O que resiste na psicanálise, o que resiste à terapia, o que resiste à saúde é o próprio ego, o ego inconsciente. É isso

que torna, a meu ver, o pensamento de Freud inquietante, *Unheimlich*, um pensamento fascinante, não porque seja possível refutar Freud com Freud, mas porque Freud é isso e aquilo ao mesmo tempo.

P: O senhor colabora atualmente com a equipe que trabalha no projeto de uma nova tradução da obra de Freud para o português...

SPR: Não é bem assim. Há muito tempo atrás, eu tive uma troca de cartas com Renato Mezan, que na

“

Luiz Hanns
está adotando,
atualmente,
uma
metodologia
mais prática
e adequada
para a
tradução
de Freud em
português.

”

ocasião estava pensando em chefiar uma equipe de tradução de Freud, e atualmente tenho me correspondido um pouco com Luiz Hanns, que está fazendo um trabalho magnífico, muito consciencioso, e de vez em quando ele me consulta por e-mail sobre um ou outro termo.

Naquela época, pensávamos que era indispensável haver uma padronização de alguns termos básicos da teoria psicanalítica, não muitos, contrariamente ao que pen-

sava Laplanche, que, a meu ver, usa uma metodologia inadequada. Em seu projeto de tradução de Freud, *Traduire Freud*, tudo virou termo técnico. As coisas mais elementares e cotidianas foram engessadas, adquiriram sentido unívoco, o que tornou impossível a tradução. Freud, que foi um grande prosador e que escrevia um alemão absolutamente cristalino e literário, tornou-se ilegível!

A nossa proposta, há vinte anos, era evitar esse erro e codificar apenas um núcleo mínimo de conceitos freudianos tais como *Trieb*, por exemplo, que seria traduzido sempre por pulsão; *Verdrängung*, por recalque ou recalçamento; *Unterdrückung*, por repressão enquanto característica genérica dos mecanismos de defesa, aqueles identificados por Anna Freud, etc. Atualmente, Hanns está adotando uma metodologia mais prática e adequada, que é a de traduzir sem se preocupar com a codificação e padronização de termos, utilizando muito as notas de pé de página. Então, cada vez que houver um termo problemático como *Trieb*, utiliza-se nota de pé de página: na tradução inglesa de Strachey, *Trieb* é traduzido por instinto, e essa tradução é condenada por alguns mas foi aceita e aprovada pelo próprio Freud. Alguns consideram que a palavra “instinto” carrega uma conotação biologizante, enquanto outros acham que continua sendo uma tradução adequada. Concordo que nota de pé de página torna a leitura menos agradável, mas talvez seja possível eliminar esse problema colocando as notas no final de cada capítulo.

P: Haroldo de Campos, em um encontro que teve em São Paulo com Jean Laplanche, que na época coordenava uma nova tradução francesa da obra freudiana, propôs a inclusão de poetas em sua equipe de tradutores. O que o senhor pensa sobre essa proposta?

SPR: Haroldo de Campos tinha toda razão. É preciso deixar muito

claro que existe uma relação visceral entre a psicanálise e a literatura. Até mesmo, independentemente da metodologia utilizada, é preciso que haja pessoas com sensibilidade literária e que escrevam tão bem em português quanto Freud escrevia em alemão; isso me parece indispensável. O que não significa transformar a psicanálise em literatura, senão estaríamos traindo a preocupação de Freud em dar um estatuto de cientificidade à psicanálise. Apesar da psicanálise não ser nem literatura nem filosofia, ela deve ser literariamente bem escrita. Por exemplo, uma tradução brasileira do texto freudiano, a qual seja teoricamente fiel mas literariamente pobre, a meu ver, é uma má tradução de Freud.

P: Conhecendo as dificuldades e os desafios dessa tarefa que inclui a preservação da qualidade literária dos textos freudianos – considerada pelo senhor como imanente à cientificidade da psicanálise – quais os requisitos que o senhor considera necessários para um bom tradutor ou uma boa tradução de Freud?

SPR: Penso que um bom tradutor de Freud precisa ter lido muito Machado de Assis, muito Graciliano Ramos e muito Guimarães Rosa, e isso é mais importante do que ter lido Freud, justamente por causa da relação de imanência que existe entre a literatura e a psicanálise. A beleza, a qualidade literária do texto era importantíssima para Freud, e então é preciso tentar, de alguma maneira, conciliar as duas coisas. Uma vez Diderot foi abordado por um pai aflito que tinha um filho com vocação literária e que lhe disse: “Eu queria que o senhor me desse um conselho; o que meu filho deve ler para tornar-se um bom escritor?” Diderot respondeu: “Ele deve ler Cícero”. O pai retrucou: “Eu acho que não me expliquei bem. O que ele deve ler para tornar-se um bom escritor francês?”. Diderot pensou e disse: “Ah! por que o senhor não falou antes? Nesse caso, ele deve ler... Cícero!” Eu acho que é um

pouco isso: para tornar-se um bom tradutor, deve-se ler *O Alienista*, de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*...

P: Seu último livro, *Os dez amigos de Freud*¹⁰, é resultado de uma pesquisa de fôlego e apresenta um panorama minucioso da vida cultural e literária vienense do início do século XX. Em sua leitura transparece um sentimento de afeição que teria se criado entre o senhor e esse mundo de Freud no qual mergulhou.

“

*O*s amigos
foi um
trabalho
que durou
quase dez
anos, durante
os quais
eu fiquei
lendo e
pesquisando
sem parar.

”

É como se o próprio Freud tivesse se tornado um “bom amigo”, considerando a expressão usada por ele em carta ao editor Hugo Heller – aquele com quem aprendemos algo sobre a vida, cujo contato nos dá prazer, a quem podemos elogiar sem nos intimidar com a sensação de nossa própria insignificância. O senhor poderia nos falar um pouco sobre essa experiência?

SPR: Foi uma experiência fantástica e que durou muito tempo.

Foi um pouco como uma leitura de *Guerra e Paz*, com suas duas mil páginas, e quando chega a última você pensa: o que eu vou fazer depois de ter lido *Guerra e Paz*? A vida, de certa maneira, perde o sentido. Todo dia de manhã a gente lia vinte páginas, saboreando... e agora? Tudo fica vazio. Como viver um mundo sem Tolstói? Foi um pouco essa impressão que eu tive... foi um trabalho que durou quase dez anos, durante os quais eu fiquei lendo e pesquisando sem parar e escrevendo no intervalo de minhas atividades como diplomata, entre uma conferência e outra, entre um artigo e outro. Foi uma experiência deliciosa! Uma experiência de entrar na personalidade de cada uma daquelas pessoas, virar um pouco Multatuli, entender as dificuldades pessoais do Mark Twain. Fiz descobertas curiosas que não vão afetar o rumo da história mundial, nem a compreensão da psicanálise ou da história das idéias, mas que são pequenas descobertas de antiquário, sobre determinadas influências que Freud teria tido em sua produção teórica a partir da leitura desses autores. Ou então, a descoberta de alguns atos falhos de Freud, o que deu certo prazer porque encontrasse com uma figura fantástica como a dele e poder dizer: “Há, há! Cometeu um ato falho aqui!”, é um prazer narcísico, talvez perdoável. A partir dessa pesquisa descobri alguns atos falhos mais graves, como o que ele faz ao citar umas histórias de Mark Twain em *O Chiste e Sua Relação Com o Inconsciente* (1905), onde ele define o humor, no sentido técnico, como aquela atividade em que a pessoa tenta evitar uma impressão penosa, que o obrigaria a um investimento afetivo desagradável por meio do riso. Quer dizer, no momento em que a pessoa vai ter esse investimento afetivo de terror ou de piedade, de repente vem o riso e descarrega a pessoa da obrigação de chorar ou de ter compaixão, etc. Então, nesse texto ele

cita algumas histórias de Mark Twain e comete erros, talvez por tê-lo feito de memória. Ele diz assim: “Mark Twain conta a história de um irmão que estava trabalhando numa mina, cavando com uma britadeira e, de repente, ocorre uma explosão de dinamite e ele sobe ao ar... primeiro ele começa a ficar do tamanho de um cavalo, depois do tamanho de um cachorro, depois do tamanho de um gato, depois do tamanho de um passarinho, depois desaparece inteiramente e um pouco mais tarde reaparece do tamanho de um passarinho, de um gato, de um cachorro... até que volta e pousa exatamente no lugar de onde tinha decolado minutos antes. Então começa a trabalhar de novo e recebe uma multa da firma por ter se ausentado durante quinze minutos sem autorização!” Ele não cita a fonte e eu tentei encontrar essa referência, inclusive em universidades americanas, com especialistas em Mark Twain e não consegui nada. Foi por acaso que acabei descobrindo a fonte e estava tudo errado! Não havia nenhum irmão! Mark Twain se refere a outra pessoa, chamada Mike não sei das quantas. Em seguida ele conta uma outra história, que também atribui ao irmão dele que estava andando no deserto, ou melhor, morando no deserto. Ele faz um buraco, coloca um toldo por cima, monta uma mesa e começa a escrever um poema épico quando, de repente, acontece um grande estouro. Era uma vaca que tinha caído em cima da mesa perturbando os papéis dele, e ele pacientemente recomeça. Na segunda noite acontece a mesma coisa e novamente na terceira, na quarta e assim por diante, até que na 36ª noite ele diz assim: “Isso está ficando monótono!”, e então faz as malas e vai embora.

O curioso é que também não é o irmão do Mark Twain, é um outro sujeito, e o número 36 não aparece em nenhum momento... então o leitor fica completamente perplexo! A

gente fica se perguntando por que o irmão se infiltrou na sua cabeça? São duas situações quase fratricidas, notem bem: numa o irmão explode, noutra o irmão é quase esmagado por uma vaca e não existe nenhum irmão do Mark Twain. O número 36 é incompreensível. Há um capítulo na *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1905) em que Freud diz que os números são sempre interpretáveis, mas eu não consegui interpretar esse número 36. Ele não

“

Queria
tentar entender
como cada
figura
mencionada
na lista de livros
se relacionava
com o
pensamento
freudiano.

”

aparece em Mark Twain, foi inventado pelo Freud, assim como não aparece irmão nenhum. Tudo isso só começa a adquirir algum sentido quando a gente se lembra daquele irmãozinho que Freud tinha, Julius, que morreu quando Freud tinha dois anos de idade, e ele ficou a vida toda atormentado por ter tido um desejo de morte com relação ao irmão. Será isso? Será que ele estava preocupado com isso naquele momento? Isso é só uma pequena

vinheta, não tem nenhuma importância teórica fundamental como eu já disse, mas são divertidas.

P: Como nasceu a idéia de escrever esse livro?

SPR: Eu acho que a primeira vez que encontrei uma referência a essa lista de Freud foi na biografia do Ernest Jones,¹¹ num apêndice, no final do terceiro volume. Ernest Jones fala sobre os interesses literários do Freud e, entre as provas desse interesse, menciona essa lista de dez bons livros que ele escreveu a partir de uma consulta feita por Hugo Heller a várias personalidades de Viena. Quando li, achei que seria interessante estudar cada um desses livros, cada uma dessas figuras consideradas importantes no meio vienense. Eu queria tentar entender como é que cada uma delas se relacionava com o pensamento freudiano, como poderia estabelecer-se um diálogo entre eles, como se relacionavam com o meio cultural de Viena no princípio do século, que aliás foi uma época fascinante; época de Wittgenstein, de Klimt, de toda uma série de vanguardas que estavam surgindo, entre as quais a vanguarda psicanalítica.

P: E como foi estar na pele de Freud, fazendo aquelas associações?

SPR: Foi muito divertido, é uma boa pessoa para se estar na pele de. O que eu tentei fazer no final foi uma reconstituição, um psicodrama em que imaginei os processos associativos que Freud poderia ter tido naquele momento, como se fosse uma auto-análise. Numa sessão psicanalítica, o resto diurno conta muito, mas nunca ninguém vai saber que conversa Freud teve com Martha naquele dia, que problemas específicos, que puxão de orelhas ele deu nos filhos... ao menos, podemos tentar reconstituir algo, a partir da leitura dos jornais daquele dia, o que é uma fonte importante para tornar a simulação possível.

P: Nesses seus trinta anos de estudos freudianos houve alguma

mudança em sua maneira de ver a psicanálise?

SPR: Do ponto de vista pessoal a análise que eu fiz foi um período muito importante, um momento decisivo da minha vida. Tive alta, à medida que isso é possível, pois a análise é um processo interminável e ninguém tem alta definitivamente, e talvez um dia eu ainda volte à análise. Considero que a psicanálise continua sendo muito importante hoje em dia e me entristece demais ver o quanto ela está sendo injustamente criticada nos últimos tempos. Isso foi realmente uma das forças motrizes daquela reflexão nos Estados Gerais: a resistência à psicanálise. Por que será que, passados cem anos, a psicanálise continua despertando tanta resistência? O que existe de tão resistível assim na psicanálise? As explicações que Freud dava continuam de pé para explicar essa resistência? A resistência à psicanálise ainda acontece porque ela é nova? Nós resistimos sempre ao novo, mas hoje em dia a psicanálise é uma velha dama de 104 anos...

Mas, de fato, existe algo tão perturbador na psicanálise que ela sempre provocará resistências. O próprio Freud a compara com uma outra ciência, o evolucionismo de Darwin, que também despertou e continua despertando muita resistência, exatamente nos Estados Unidos. Aquela famosa história do professor que foi preso por ter ensinado o evolucionismo na escola parece ser uma história dos anos 20, mas os fundamentalistas americanos continuam fazendo exatamente a mesma coisa. Recentemente li uma matéria sobre os fundamentalistas brasileiros, professores de física que defendem uma história criacionista com relação à origem do universo e tentam provar cientificamente que a Bíblia tinha razão, que o universo foi criado no ano 4040 a.C.! Então, não é só a psicanálise, existe uma resistência a tudo o que mexe com determinadas estruturas muito arra-

gadas. Freud deu justamente esse exemplo de Darwin porque essas são as feridas narcísicas de que ele falava: das três feridas narcísicas, duas continuam ainda sob a forma de ferida, não cicatrizaram: o evolucionismo de Darwin e a psicanálise.

P: A outra ferida narcísica refere-se a Copérnico, que disse que a Terra não é o centro do universo. A ferida que a psicanálise infringiu ao ser humano foi deslocar a razão do centro do funcionamento psíquico.

“

Seria bom não esquecer que Freud era um racionalista, aplicava a razão para estudar fenômenos irracionais.

”

Então, o título de seu livro *A Razão Cativa*, faz sentido: a razão está presa, dominada por processos psíquicos inconscientes. Mas o senhor mantém um ideal do eu racionalista.

SPR: Vocês perceberam que existe um jogo de palavras no título desse livro? A razão é também cativante!

Seria bom não esquecer que Freud era um racionalista, aplicava a razão para estudar fenômenos irracionais, mas não havia uma convivên-

cia entre ele e o irracional que estudava. É a razão estudando o irracional, a razão na posição de sujeito.

A psicanálise promoveu um extraordinário enriquecimento ao ser humano, mas as ambigüidades humanas não foram descobertas por Freud. Os moralistas sempre souberam disso, elas foram descobertas por La Rochefoucauld, foram estudadas por La Bruyère. La Rochefoucauld disse o seguinte numa entrevista: “Eu não sei o que se passa na cabeça de um canalha, mas sei o que se passa na cabeça de um homem de bem, e o que eu vejo aí me apavora!” Essas ambigüidades não foram inventadas por Freud mas ele criou, sem dúvida nenhuma, uma visão mais diferenciada, mais rica e mais perturbadora do psiquismo humano. *A Interpretação dos Sonhos* é um marco, sem dúvida nenhuma. Ele pensava que a finalidade da psicanálise era preencher todas as lacunas de memória e superar todo o inconsciente patogênico, mesmo sabendo que esta era uma meta inalcançável, uma utopia irrealizável, como eu já disse. Ele não quer acabar com o inconsciente, ele quer acabar com o inconsciente patogênico. ■

NOTAS

1. Trata-se do artigo “Os Terríveis Simplificadores”, publicado em 04/01/2004.
2. “Senhor, eu lhe agradeço pela sua conferência. Entretanto, eu lhe assinalo que o senhor esqueceu a bibliografia. Obrigado. Até amanhã!”.
3. Editado em 1983 pela Tempo Brasileiro.
4. Editado em 1985 pela Brasiliense.
5. Pai primitivo.
6. Texto proferido no Segundo Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise que aconteceu no Rio de Janeiro de 30 de outubro a 2 de novembro de 2003 e intitulado “Psicanálise e Cultura”.
7. Otto Kernberg foi presidente da IPA entre 1997 e 2001 e entrevistado pela Revista *Percurso* no primeiro semestre de 1995 (nº 14).
8. S. Freud, “Carta a Romain Rolland, 1936”, *Obras Completas*, vol. XXII, Imago.
9. J. Laplanche ; P. Cotet e A. Bourguignon, *Traduzir Freud*, São Paulo, Martins Fontes, 1992
10. S. P. Rouanet, *Os Dez Amigos de Freud*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
11. E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, 3 vols, Rio de Janeiro, Imago, 1989.